

W. E. B. Du Bois, pioneiro da sociologia urbana

Em dezembro de 1925 realizou-se em Nova York a XXª reunião anual da American Sociological Society, que havia sido criada 20 anos antes. Sob a presidência de Robert E. Park (1864-1944), da Universidade de Chicago, a reunião teve como tema geral “A Cidade”. Pouco antes Park, juntamente seu colega Ernest W. Burgess (1886-1966), havia organizado e publicado, não por acaso, um livro com o mesmo título,¹ reunindo textos de outros sociólogos que se tornariam famosos como pesquisadores do fenômeno urbano, como William I. Thomas (1863-1947) e Louis Wirth (1897-1952). Vale notar que Park já havia publicado, em 1915, um artigo seminal com o mesmo título.² O evento e o livro foram imaginados por Park como marco de fundação da “sociologia urbana”, que teria naquilo que ficou conhecido como “Escola de Chicago” seu mais famoso centro.³

A produção sociológica desses pesquisadores e das gerações seguintes foi impressionante em termos de qualidade e quantidade. A narrativa tradicional da história da sociologia urbana está correta em reconhecer seu valor. Ela não pode, contudo, continuar a ignorar outros pesquisadores e outras tradições. Refiro-me em particular à obra do sociólogo negro W. E.

¹ Robert E. Park e Ernst W. Burgess. *The City*. Chicago: University of Chicago Press, 1925.

² Robert E. Park. “The City: Suggestions for the Investigation of Human Behavior in the City Environment”. *The American Journal of Sociology*, v. XX, n. 5, 1925, pp. 577-612.

³ Ver, a esse respeito, Christian Topalov. “The Sociology of a Scientific Label: Urban Sociology (Chicago, 1925)”. *L'Année Sociologique*, v. 58, n. 1, 2008, pp. 203-234.

B. Du Bois, que pode ser considerado o pioneiro dos estudos de sociologia urbana por seu livro *The Philadelphia Negro: A Social Study* (O negro da Filadélfia: um estudo social), publicado em 1899 — 26 anos antes, portanto, do livro de Park e Burgess.

William Edward Burghardt Du Bois (conhecido como W. E. B. Du Bois) nasceu numa pequena cidade de Massachusetts.⁴ Aluno talentoso, estudou entre 1885 e 1888 na Fisk University, em Nashville, Tennessee, que era apenas para negros. Seguiu então para a Universidade Harvard, na qual fez um segundo curso de graduação (seus créditos obtidos em Fisk não foram aceitos). Em Harvard, foi muito influenciado pelas aulas com o filósofo William James. Após graduar-se em história, Du Bois conseguiu uma bolsa para a Universidade de Berlim, onde teve Max Weber como colega e estudou estatística e ciência política, defendendo uma tese sobre a agricultura no Sul dos Estados Unidos. Na Alemanha, onde permaneceu entre 1892 e 1894, Du Bois viveu a experiência de sentir-se menos discriminado do que em seu país natal.

De volta aos Estados Unidos, Du Bois terminou sua tese em 1895, tendo sido o primeiro afro-americano a obter o título de doutor por Harvard. Em seguida, assumiu uma posição como professor na Wilberforce, uma universidade para negros no estado de Ohio.

⁴ A principal fonte de informações que utilizei para a vida de Du Bois foi o livro de Aldon D. Morris, *The Scholar Denied: W. E. B. Du Bois and the Birth of Modern Sociology* (Oakland: University of California Press, 2015). Especificamente sobre *The Philadelphia Negro*, consulte: a introdução escrita por Elijah Anderson para a edição de 1996 da University of Pennsylvania Press (pp. ix-xxxvii); e o artigo de Kevin Loughran, "The Philadelphia Negro and the Canon of Classical Urban Theory" (*Du Bois Review*, v. 12, n. 2, 2015, pp. 249-267).

Em 1896, Du Bois assumiu um emprego temporário como pesquisador assistente de sociologia na Universidade da Pensilvânia, na cidade de Filadélfia, com o objetivo de conduzir uma pesquisa sobre a comunidade negra da cidade. Pelo censo de 1890, a população negra da Filadélfia era composta por cerca de 40 mil pessoas, aproximadamente 4% da população total, dos quais cerca de 9 mil se concentravam na região de Seventh Ward.

Du Bois morou no bairro e durante 15 meses e realizou sua pesquisa. Numa abordagem inovadora para a época, valeu-se de métodos rigorosos, tanto quantitativos quanto qualitativos, e organizou vasto material, desde mapas, dados de censos e estatísticas até entrevistas em profundidade e observação etnográfica. Fez, assim, um estudo pioneiro de sociologia, não apenas sobre uma comunidade urbana pobre, mas também sobre a questão racial na sociedade americana — o que então era chamado de "O problema negro", do qual o capítulo aqui incluído, sobre preconceito racial, é um bom exemplo. O posicionamento pessoal de Du Bois a esse respeito fica claro já na primeira página de seu livro. Na primeira nota de rodapé, ele diz:

Em todo este estudo, usarei o termo "Negro" para designar todas as pessoas de ascendência negra, embora o termo seja, em certa medida, ilógico. Além disso, vou iniciar a palavra em maiúscula, porque acredito que 8 milhões de americanos têm direito a uma letra maiúscula.⁵

Longe de ser apenas o estudo empírico de uma comunidade negra, o livro analisava a dinâmica racial que, baseada em relações de poder, oprimia e discriminava os negros, mantendo-os presos num círculo vicioso de subordinação social. Du Bois contrapunha-se, assim, às teorias racistas ou baseadas no darwinismo social que viam a condição social do negro como decorrente de características inerentes à sua suposta inferioridade biológica.

O livro, publicado em 1899, não foi, contudo, reconhecido como a obra-prima que é. O papel de marco do surgimento da sociologia americana geralmente é atribuído ao monumental trabalho de Florian Znaniecki e William I. Thomas, *The Polish Peasant in Europe and America* (O camponês

⁵ As traduções deste trecho e dos demais nesta apresentação são minhas.

polônês na Europa e na América), publicado em cinco volumes entre 1918 e 1920. O livro de Du Bois permaneceria “silenciado” na memória coletiva da sociologia por um século.

Em 1897, depois de ter completado o manuscrito de *The Philadelphia Negro*, Du Bois foi nomeado professor na tradicional universidade negra de Atlanta, na Geórgia, onde permaneceria por 13 anos. Lá criou a primeira “escola” de sociologia americana, tendo orientado a formação de sociólogos negros como Monroe Work, Richard R. Wright Jr. e Georg Edmund Haynes.⁶ Em Atlanta, Du Bois promoveu também, anualmente, a Atlanta Conference of Negro Problems (Conferência de Atlanta sobre os Problemas dos Negros).

Na edição de 1906 o evento contou com a participação do antropólogo Franz Boas (1858-1942). Em sua conferência sobre “Health and Physique of the Negro American” (Saúde e físico do negro americano), Boas clamou a audiência a rejeitar as teorias sobre a inferioridade dos negros. Vale lembrar que na época vivia-se sob a hegemonia de teorias racistas na ciência e no auge da opressão social dos negros, sob as “Leis Jim Crow”, que forçavam a segregação racial. Du Bois assim relembra o impacto da conferência de Boas:

Lembro-me de meu próprio despertar, bastante repentino, da paralisia do julgamento que me fora ensinado na faculdade e em duas das maiores universidades do mundo. Franz Boas [...] disse a uma turma de formandos: Vocês não precisam ter vergonha de seu passado africano; e então ele contou a história dos reinos negros ao sul do Saara por mil anos. Fiquei demasiado atônito para falar. Eu nunca tinha ouvido nada disso, e vim depois a perceber como o silêncio e a negligência da ciência podem fazer a verdade desaparecer por completo ou mesmo ser inconscientemente distorcida.⁷

Ao final da conferência, Du Bois, Boas e R.R. Wright Jr. compuseram um comitê que redigiu a seguinte resolução:

⁶ Essa é a tese de Morris, op. cit.

⁷ Cf. Morris, op. cit., p. 82.

A Conferência não encontra nenhuma justificativa científica adequada para a suposição de que a raça negra é inferior a outras raças em constituição física ou vitalidade. As diferenças atuais na mortalidade parecem ser suficientemente explicadas pelas condições de vida; e as mensurações físicas provam que o negro é um ser humano normal, capaz da média das realizações humanas.⁸

Em 1903, Du Bois publicou *The Souls of Black Folk*, seu livro mais conhecido, uma coletânea de 14 ensaios que combinavam análise sociológica com uma escrita poética. O livro foi publicado no Brasil apenas em 2021, como *As almas do povo negro*, pela editora Veneta.

Em 1904, no International Congress of Arts and Sciences, realizado durante a Exposição Universal que ocorreu na cidade de St. Louis, estado do Missouri, Du Bois reencontrou-se com Max Weber. Foi a primeira aparição pública de Weber desde seu colapso nervoso. Ele pediu então a Du Bois que escrevesse um texto sobre as relações raciais para ser publicado na revista *Archiv für Sozialwissenschaft und Sozialpolitik* (Arquivos de Ciências Sociais e Política Social), do qual Weber era um dos editores. O artigo foi publicado em 1906, entre dois outros escritos por cientistas sociais notáveis como Georg Simmel e Robert Michels: “Die Negerfrage in den Vereinigten Staaten” (A questão negra nos Estados Unidos).⁹ Weber também leu *The Souls of Black Folk*, e escreveu a Du Bois dizendo que achara o livro “esplêndido”, pedindo sua autorização para providenciar a tradução para o alemão, com o objetivo de publicá-lo — o que, infelizmente, acabou não se concretizando.

Não cabe aqui resumir o restante da longa e animada vida de Du Bois, marcada pelo ativismo na defesa dos direitos dos negros, por muitas viagens pelo mundo, pela adesão ao pan-africanismo e pela luta contra o colonialismo. Em 1961, aos 93 anos, Du Bois mudou-se para Gana, a convite do



⁸ Ibid., p. 87.

⁹ W. E. B. du Bois. *Archiv für Sozialwissenschaft und Sozialpolitik*, v. 22, jan. 1906, pp. 31-79.

presidente Kwame Nkrumah, para coordenar a criação de uma Enciclopédia Africana, projeto com o qual sonhava desde 1901. Não pôde, contudo, concluí-la, pois morreu dois anos depois, em 1963, aos 95 anos.

Com a publicação de uma pequena parte de *The Philadelphia Negro* pretendo dar visibilidade à posição de pioneiro que Du Bois merece na tradição das ciências sociais, até hoje ainda não plenamente reconhecida.

Preconceito de cor¹⁰ (1899)

W. E. B. Du Bois

Incidentalmente, ao longo deste estudo, o preconceito contra o negro foi mencionado repetidas vezes. É hora de reduzir esse termo um tanto indefinido a algo tangível. Todo mundo fala sobre o assunto, todo mundo sabe que ele existe, mas poucos estão de acordo sobre a forma como ele se mostra, ou quão influente é. Na mente do negro, o preconceito de cor na Filadélfia é aquele sentimento generalizado de antipatia por seu sangue, que mantém a ele e a seus filhos longe de um emprego decente, de certos confortos e diversões públicas, de alugar casas em muitas áreas e, em geral, de ser reconhecido como ser humano. Os negros consideram esse preconceito a principal causa de sua infeliz condição atual. Por outro lado, a maioria das pessoas brancas não tem consciência desse sentimento poderoso e vingativo; elas encaram o preconceito de cor como facilmente explicável pelo sentimento de que a relação social íntima com uma raça inferior é não apenas indesejável, como impraticável, caso devam ser mantidos os nossos padrões atuais de cultura. E, embora saibam que algumas pessoas sentem a aversão com mais intensidade do que outras, não conseguem ver como tal sentimento influencia a situação real ou altera a condição social da massa de negros.

¹⁰ W. E. B. Du Bois. "Color prejudice". In: —. *The Philadelphia Negro: A Social Study*. Filadélfia: University of Pennsylvania Press, seção 47, 1996 [1899], pp. 322-355. Tradução de André M. Penna-Firme e Gabrielle Cosenza, revisão técnica de Celso Castro. Algumas notas de rodapé do original foram suprimidas.

Na verdade, o preconceito de cor nesta cidade é algo situado entre essas duas visões extremas: ele não é hoje responsável por todos ou talvez pela maior parte dos problemas do negro, ou das deficiências sob as quais a raça trabalha; por outro lado, ele é uma força social muito mais poderosa do que a maioria dos habitantes da Filadélfia percebe. Os resultados práticos da atitude da maioria dos habitantes da Filadélfia em relação às pessoas de ascendência negra são os seguintes:

1) *Em relação a conseguir emprego.* Não importa quão bem treinado um negro possa ser, ou quão apto seja para qualquer tipo de trabalho, ele não pode, no curso normal da competição, esperar ser muito mais do que um empregado subalterno. Ele não pode obter trabalho administrativo ou de supervisão, exceto em casos excepcionais. Ele não pode ensinar, exceto em algumas das poucas escolas remanescentes para negros. Não pode se tornar um artífice, exceto para pequenos trabalhos temporários, e não pode se filiar a um sindicato. Uma mulher negra tem apenas três carreiras abertas para ela nesta cidade: serviço doméstico, costura ou vida de casada.

2) *Em relação a manter um emprego.* O negro sofre na competição mais severamente do que o homem branco. Uma mudança de tendência está fazendo com que ele seja substituído por brancos nos cargos mais bem pagos do serviço doméstico. Caprichos e acidentes farão com que perca um lugar conquistado a duras penas mais rapidamente do que as mesmas coisas afetariam um homem branco. Sendo poucos em número em comparação com os brancos, o crime ou a negligência de alguns de sua raça são facilmente imputados a todos, e a reputação daqueles bons trabalhadores e confiáveis sofre com isso. Como os trabalhadores negros nem sempre trabalham lado a lado com os brancos, o trabalhador negro individual não é avaliado por sua própria eficiência, e sim pela eficiência de todo um grupo de colegas negros, que muitas vezes pode ser baixa. Por causa dessas dificuldades, que virtualmente aumentam a competição em seu caso, ele é forçado a receber salários mais baixos pelo mesmo trabalho que os trabalhadores brancos.

3) *Em relação ao ingresso em novas frentes de trabalho.* As pessoas estão acostumadas a ver os negros em posições inferiores; quando, portanto, por acaso, um negro entra em uma posição melhor, a maioria das pessoas

imediatamente conclui que ele não está apto para tal, mesmo antes de ter a chance de mostrar sua aptidão. Se, portanto, ele abrir uma loja, as pessoas não irão formar clientela. Se ele for colocado em uma posição pública, as pessoas reclamarão. Se ganhar uma posição no mundo comercial, as pessoas assegurarão discretamente sua demissão ou garantirão que um homem branco o suceda.

4) *Em relação às suas despesas.* A relativa pequenez da clientela do negro e a antipatia de outros clientes tornam comum o aumento de encargos ou dificuldades em certas direções nas quais o negro deve gastar dinheiro. Ele deve pagar mais caro de aluguel por casas piores do que a maioria das pessoas brancas. Às vezes, está sujeito a ser insultado ou a ter um serviço prestado de maneira relutante em alguns restaurantes, hotéis e lojas, em diversões públicas, teatros e locais de recreação, bem como em quase todas as barbearias.

5) *Em relação a seus filhos.* O negro acha extremamente difícil criar filhos em tal atmosfera e não os ter nem subservientes nem atrevidos: se ele os convence a ter paciência com sua sorte, podem crescer satisfeitos com sua condição; se os inspira com a ambição de crescer, eles podem começar a desprezar seu próprio povo, odiar os brancos e se tornar amargurados com o mundo. Seus filhos são discriminados, muitas vezes em escolas públicas. Eles são aconselhados, quando procuram emprego, a se tornarem garçons e empregadas domésticas. Estão sujeitos aos tipos de insulto e tentação que afetam peculiarmente as crianças.

6) *Em relação aos relacionamentos sociais.* Em todas as esferas da vida, o negro está sujeito a encontrar alguma objeção à sua presença ou algum tratamento descortês, e os laços de amizade ou memória raramente são fortes o suficiente para se manterem para além da linha de cor. Se um convite for feito para qualquer evento público, o negro nunca consegue saber se seria bem-vindo ou não; se ele for, corre o risco de ter seus sentimentos feridos e de entrar em alterações desagradáveis; se não comparecer ao evento, será acusado de indiferença. Se encontrar um amigo branco de longa data na rua, ele estará em um dilema; se não cumprimenta o amigo, é considerado grosseiro e indelicado; se cumprimenta o amigo, está sujeito a ser completamente desprezado. Se por acaso for apresentado a um homem ou mulher

branca, espera ser ignorado no próximo encontro, e geralmente o é. Amigos brancos podem visitá-lo, mas dificilmente se espera que ele os visite, exceto para tratar de assuntos estritamente de negócio. Se ele conquistar o afeto de uma mulher branca e se casar com ela, pode invariavelmente esperar que a reputação dela e dele sejam difamadas, e que tanto a raça dele quanto a dela evitarão estar em companhia de ambos. Quando ele morre, não pode ser enterrado ao lado de cadáveres brancos.

7) *O resultado*. Qualquer uma dessas coisas, acontecendo vez ou outra, não seria notável, nem exigiria um comentário especial; mas, quando um grupo de pessoas sofre todas essas pequenas diferenças de tratamento e discriminações e insultos continuamente, o resultado é desânimo, amargura, hipersensibilidade ou imprudência. E um povo que se sente assim não pode dar o melhor de si.

*

O primeiro impulso do filadelfiense médio seria, presumivelmente, negar com ênfase qualquer discriminação tão marcante e flagrante como a antes referida contra um grupo de cidadãos nesta metrópole. Todos sabem que no passado os preconceitos de cor na cidade eram profundos e apaixonados; homens ainda vivos podem se recordar de quando um negro não podia sentar em um bonde ou caminhar muito pelas ruas em paz. Esses tempos passaram, contudo, e muitos imaginam que a discriminação ativa contra o negro passou com eles. Uma investigação cuidadosa vencerá qualquer um de seu erro. Certamente um homem de cor hoje pode andar pelas ruas de Filadélfia sem insulto pessoal; ele pode ir a teatros, parques e alguns lugares de diversão sem encontrar mais do que olhares e descortesia; pode ser acomodado na maioria dos hotéis e restaurantes, embora o tratamento em alguns não seja agradável. Tudo isso é um grande avanço e augura muito para o futuro. No entanto, tudo o que foi dito sobre a discriminação remanescente é verdadeiro demais.

Durante a pesquisa de 1896 foram recolhidos vários casos reais que podem ilustrar as discriminações mencionadas. Na medida do possível,

eles foram minuciosamente examinados, e apenas aqueles que pareceram indubitavelmente verdadeiros foram selecionados.¹¹

1) Em relação a conseguir emprego. Não é necessário insistir na situação do negro referente ao trabalho nas classes mais altas da vida: o menino branco pode começar no escritório de advocacia e trabalhar para alcançar uma prática lucrativa; ele pode servir a um médico como um *office boy* ou entrar em um hospital em uma posição inferior, e ter apenas seu talento entre ele e a riqueza e a fama; se for inteligente na escola, pode deixar sua marca em uma universidade, tornar-se monitor depois de algum tempo e muita inspiração para o estudo, e, eventualmente, assumir uma posição de professor. Todas essas carreiras estão desde o início fechadas para o negro por causa de sua cor. Que advogado daria mesmo o menor dos casos para um assistente negro? Que universidade nomearia um jovem negro promissor para a monitoria? Assim, o jovem branco começa a vida sabendo que, dentro de alguns limites e salvo acidentes, talento e dedicação serão suficientes. O jovem negro começa sabendo que, para todos os lados, seu avanço será duplamente difícil, quando não totalmente bloqueado, por causa de sua cor. Vejamos, entretanto, as ocupações comuns que dizem respeito mais de perto à massa de negros. A Filadélfia é um grande centro industrial e de comércio, com milhares de supervisores, gerentes e funcionários — os capitães da indústria, que dirigem seu progresso. Eles são pagos para pensar e pela habilidade de dirigir; naturalmente, esses cargos são cobiçados por serem bem pagos, bem-vistos e acarretarem alguma autoridade. A essas posições, meninos e meninas negros não podem aspirar, não importa quais sejam suas qualificações. Mesmo como professores, escriturários ou este-

¹¹ Uma das perguntas do roteiro era: "Você já teve dificuldade em conseguir trabalho?"; outra: "Você já teve dificuldade em alugar casa?". A maioria das respostas foi vaga ou genérica. Aquelas que eram precisas e aparentemente confiáveis, na medida do possível, foram investigadas com maiores detalhes, comparadas com outros testemunhos e então usadas como material para elaborar uma lista de discriminações; casos únicos e isolados sem corroboração nunca foram selecionados. Acredito que aqueles aqui apresentados são confiáveis, embora, naturalmente, eu possa ter sido enganado em algumas histórias. Estou totalmente convencido a respeito da verdade geral das afirmações.

nógrafos comuns, eles encontram quase nenhuma vaga. Vamos observar alguns exemplos reais:

Uma jovem que se formou com distinção na Escola Normal para Meninas em 1892, lecionou no jardim de infância, atuou como substituta e esperou em vão por um cargo permanente. Certa vez ela foi admitida como substituta em uma escola com professores brancos; o diretor elogiou seu trabalho, mas quando a nomeação definitiva foi feita, uma mulher branca foi escolhida.

Uma garota que se formou em uma escola secundária da Pensilvânia e em uma faculdade de administração procurou trabalho na cidade como estenógrafa e datilógrafa. Um advogado de destaque se comprometeu a encontrar uma posição para ela; ele foi a amigos e disse: "Aqui está uma garota que faz um trabalho excelente e é de bom caráter; você não pode dar um trabalho a ela?" Vários responderam imediatamente que sim. "Mas", disse o advogado, "serei perfeitamente franco com vocês e direi que ela é de cor"; e em toda a cidade, ele não conseguiu encontrar um homem disposto a empregá-la. Aconteceu, entretanto, que a garota era tão clara que poucos, sem saber disso, teriam suspeitado de sua ascendência. O advogado, portanto, deu-lhe trabalho temporário em seu próprio escritório até que ela encontrasse um emprego fora da cidade. "Mas", disse ele, "até hoje não ousei dizer aos meus funcionários que eles trabalhavam ao lado de uma negra". Outra mulher se formou no Palmer College of Shorthand, mas em toda a cidade encontrou nada além da recusa de trabalho.

Vários graduados em farmácia buscaram fazer o estágio obrigatório de três anos na cidade, e apenas um entre eles obteve sucesso, embora tenham se oferecido para trabalhar de graça. Um jovem farmacêutico veio de Massachusetts e durante semanas procurou em vão trabalho aqui por qualquer preço: "Eu não teria um 'escuro' para limpar minha loja, muito menos para ficar atrás do balcão", respondeu um farmacêutico. Um homem de cor respondeu a um anúncio para atendente nos subúrbios. "O que você acha que iríamos querer de um negro?" — foi a simples resposta. Um graduado em engenharia mecânica pela Universidade da Pensilvânia, bem recomendado, conseguiu trabalho na cidade por meio de um anúncio, por conta de seu excelente histórico. Ele trabalhou algumas horas e depois foi dispensado porque descobriram que era de cor. Agora ele é garçom no clube universitário

onde seus colegas de graduação brancos jantam.¹² Outro jovem frequentou o Spring Garden Institute e estudou desenho em litografia. Ele tinha boas referências do instituto e de outros lugares, mas a inscrição nos cinco maiores estabelecimentos da cidade não lhe garantiu trabalho. Um operador de telégrafo procurou em vão por uma vaga, e dois graduados da Central High School se entregaram a trabalhos subalternos. "Qual é a utilidade de uma educação?" — perguntou um. O sr. A... já trabalhou em outro lugar como caixeiro-viajante. Ele se candidatou a um cargo aqui por carta e foi informado que poderia ser admitido. Quando o viram, não tinham trabalho para ele.

Esses casos poderiam se multiplicar indefinidamente. Mas isso não é necessário; é preciso apenas notar que, não obstante a reconhecida habilidade de muitos homens de cor, o negro está conspicuamente ausente de todos os lugares de honra, confiança ou emolumento, bem como daqueles de nível respeitável no comércio e na indústria.

Mesmo no mundo da mão de obra qualificada, o negro é amplamente excluído. Muitos explicariam a ausência de negros em vocações superiores dizendo que embora alguns possam ocasionalmente ser considerados competentes, a grande massa não está preparada para esse tipo de trabalho e está destinada a formar por algum tempo uma classe trabalhadora. Em matéria de comércio, entretanto, não pode ser levantada nenhuma questão séria quanto à habilidade; por anos os negros preencheram satisfatoriamente posições nas lojas da cidade, e hoje em muitas partes do Sul eles ainda são proeminentes. Mesmo assim, na Filadélfia, um preconceito determinado, auxiliado pela opinião pública, quase conseguiu expulsá-los do setor. [...]

Há, é claro, algumas exceções à regra geral, mas mesmo estas parecem confirmar o fato de que a exclusão é uma questão de preconceito e falta de consideração que às vezes cede à determinação e ao bom senso. [...] Há vários casos em que uma forte influência pessoal garantiu posições para meninos de cor; em uma fábrica de marcenaria, um carregador que havia servido à empresa por 30 anos pediu que seu filho aprendesse o ofício e trabalhasse na oficina. Os trabalhadores protestaram vigorosamente no início, mas o em-

¹² É, obviamente, apontado por alguns como tipificação do sucesso de um negro educado formalmente.

pregador foi firme, e o jovem já trabalha lá há sete anos. A S. S. White Dental Company tem um químico de cor que chegou à sua posição pelo trabalho, e dá satisfação. Um joalheiro permitiu que seus companheiros de cor, ex-soldados na última guerra, aprendessem o ofício de ourives e trabalhassem em sua loja. [...] Essas exceções provam a regra, a saber, que sem grande esforço e influência especial é quase impossível para um negro na Filadélfia conseguir um emprego regular na maioria dos estabelecimentos, exceto se atuar como trabalhador independente e aceitar pequenos empregos temporários.

A principal força que ocasiona esse estado de coisas é a opinião pública. Se tanto os sindicatos quanto os padrões arbitrários não estivessem arraigados, e fortemente arraigados, num preconceito ativo, ou pelo menos numa aquiescência passiva nesse esforço de privar os negros de um sustento decente, eles seriam impotentes para fazer o mal que agora causam. Onde, no entanto, uma grande parte do público aplaude mais ou menos abertamente o vigor de um homem que se recusa a trabalhar com um "negro",¹³ os resultados são inevitáveis. O objetivo do sindicato é puramente empresarial; visa restringir o mercado de trabalho, assim como o fabricante visa aumentar o preço de seus produtos. Aqui está uma chance de manter fora do mercado um grande número de trabalhadores, e os sindicatos aproveitam a chance, exceto nas vezes em que não se atrevem, como no caso dos fabricantes de charutos e dos mineiros de carvão. Se eles pudessem, da mesma maneira, manter de fora os trabalhadores estrangeiros, eles o fariam; mas aqui a opinião pública, dentro e fora de sua posição social, proíbe ações hostis. É claro que a maioria dos sindicatos não declara categoricamente suas discriminações; alguns colocam claramente a palavra "branco" em suas constituições; a maioria não o faz e dirá que considera cada caso em seus méritos. Em seguida, discretamente rejeitam o candidato negro. Outros atrasam, contempORIZAM e adiam a ação até que o negro se retire; outros, ainda, discriminam o negro nas taxas de associação ou cotas, fazendo um negro pagar US\$ 100, enquanto os brancos pagam US\$ 25. Por outro lado, em tempos de greves ou outros distúrbios, convites cordiais para ingressar no sindicato são frequentemente enviados aos trabalhadores negros. [...]

¹³ No original, *Nigger*, forma de tratamento altamente ofensiva. [N. do Org.]

Em uma época em que as mulheres estão empenhadas no ganha-pão em um grau maior do que nunca, o campo aberto para as mulheres negras é singularmente estreito. Isso, é claro, se deve em grande parte aos preconceitos mais intensos sobre as mulheres em todos os assuntos, e especialmente ao fato de que as mulheres que trabalham não gostam de ser confundidas com servas, porém as mulheres negras são consideradas servas *par excellence*.

2) Basta sobre a dificuldade de conseguir trabalho. Para além disso, o negro encontra dificuldades em manter o trabalho que tem, ou pelo menos a melhor parte dele. Além de toda insatisfação com o trabalho do negro, há caprichos e modas que afetam sua posição econômica. Hoje, as viagens pela Europa em geral tornaram popular o criado inglês treinado, e, conseqüentemente, servos brancos e bem barbeados, sejam eles ingleses ou não, têm facilidade para substituir mordomos e cocheiros negros, com salários mais altos. Além disso, embora um homem normalmente não demita todos os seus operários brancos porque algum se sai mal, ainda assim acontece repetidamente que os homens despeçam todos os seus funcionários de cor e condenem sua raça porque um ou dois empregados se mostraram indignos de confiança. Finalmente, as antipatias das classes mais baixas são tão grandes que muitas vezes é impraticável misturar raças entre os funcionários. Uma jovem de cor foi trabalhar temporariamente em Germantown: "Eu gostaria muito de mantê-la permanentemente", disse a patroa, "mas todos os meus outros criados são brancos." Ela foi demitida. Normalmente agora os anúncios para criados indicam se são procurados empregados brancos ou negros, e o negro que se inscreve no lugar errado não deve se surpreender ao ver a porta batida na sua cara.

As dificuldades encontradas pelo negro por causa das conclusões abrangentes feitas sobre ele são múltiplas; um grande edifício, por exemplo, tem vários zeladores negros mal pagos, sem instalações para o trabalho ou orientação para sua realização. Finalmente, o prédio é totalmente reformado ou reconstruído, elevadores e eletricidade são instalados e um conjunto bem pago de zeladores brancos uniformizados são colocados para trabalhar sob a responsabilidade de um chefe assalariado. De imediato, o público conclui que a melhoria no serviço se deve à mudança de cor. Em alguns casos, é claro, a mudança se atribui a uma ampliação do campo de escolha na seleção de serventes, pois certamente não se pode esperar que 1/25 da população

possa fornecer tantos bons operários, ou tão uniformemente bons, quanto os outros 24/25. [...]

As vezes os negros, por influência especial, como foi apontado antes, garantem boas posições; há também outros casos em que homens de cor garantiram posições por puro mérito e coragem. Em todas essas circunstâncias, entretanto, eles estão sujeitos a perder suas posições sem nenhuma culpa própria, principalmente por causa de seu sangue negro. Talvez no princípio sua descendência negra seja desconhecida, ou outras causas podem operar; em todos os casos, o emprego do negro é inseguro. [...]

Muito desencorajamento resulta da recusa persistente em promover empregados de cor. O mais humilde empregado branco sabe que, quanto melhor fizer seu trabalho, mais chances ele tem de crescer no negócio. O empregado negro sabe que quanto melhor fizer seu trabalho, mais tempo poderá fazê-lo; muitas vezes ele não pode esperar uma promoção. Isso faz muitas das críticas dirigidas aos negros — porque alguns deles querem recusar o trabalho braçal — perderem algo de seu propósito. Se a melhor classe de meninos negros pudesse ver esse trabalho como um trampolim para algo melhor, seria diferente; se eles devem ver isso como obra de uma vida inteira, não podemos questionar sua hesitação. [...] De vez em quando, há exceções a essa regra. A ferrovia da Pensilvânia promoveu um brilhante e persistente porteiro a secretário, função em que permaneceu por anos. No entanto, ele passou sua vida buscando chances de promoção e foi informado: "Você tem habilidade suficiente, George; se você não fosse de cor..."

Há muita discriminação contra os negros nos salários. Eles têm menos oportunidades de trabalho, estão acostumados com salários baixos e, consequentemente, o primeiro pensamento que ocorre ao empregador médio é dar ao negro menos do que ele daria a um branco pelo mesmo trabalho. Isso não é universal, mas é generalizado. No serviço doméstico de tipo comum não há diferença, porque os salários são uma questão de costume. Quando se trata de garçons, copeiros e cocheiros, no entanto, há uma diferença considerável; enquanto os cocheiros brancos recebem US\$ 50-75, os negros geralmente não recebem mais de US\$ 30-60. Garçons negros de hotel ganham US\$ 18-20, enquanto brancos recebem US\$ 20-30. Naturalmente, quando um gerente de hotel substitui homens de US\$ 20 por homens de US\$ 30, ele pode esperar, fora de qualquer questão de cor, um serviço melhor.

No trabalho comum, a competição força a queda dos salários para além de meras razões raciais, embora o negro seja o que mais sofre; este é especialmente o caso no trabalho de lavanderia. "Contei até sete dúzias de peças naquela lavagem", disse uma mulher negra cansada, "e ela me paga apenas US\$ 1,25 por semana por isso". Pessoas que jogam fora US\$ 5 por semana em futilidades muitas vezes barganham com uma lavadeira por US\$ 0,25. Há, no entanto, exceções notáveis a esses casos, em que bons salários são pagos a pessoas que trabalharam por muito tempo para a mesma família.

Muitas vezes, se um negro tem a chance de trabalhar em uma loja, seus salários são reduzidos por conta do privilégio. Isso dá ao preconceito do trabalhador uma intensidade adicional. [...]

3) Se um negro entra em algum ramo de atividade no qual as pessoas não estão acostumadas a vê-lo, ele sofre por suporem que não está apto para o trabalho. Relata-se que uma empresa da rua Chestnut certa vez teve uma vendedora negra, mas os protestos de seus clientes foram tantos que tiveram de despedi-la. Muitos comerciantes hesitam em empregar negros com medo de perder clientela. Comerciantes negros que tentaram abrir negócios na cidade a princípio encontraram muita dificuldade com esse preconceito. [...] Mesmo entre as próprias pessoas de cor, alguns preconceitos desse tipo são encontrados. Antes, um médico negro não conseguia uma clientela negra porque eles não estavam acostumados com a novidade; agora, eles têm grande parte de clientes negros. O comerciante negro, entretanto, ainda carece da total confiança de seu próprio povo, embora isso esteja crescendo lentamente. É um dos paradoxos dessa questão, ver um povo tão discriminado por vezes aumentar seus infortúnios ao discriminarem a si mesmos. Eles próprios, entretanto, estão começando a reconhecer isso.

4) A principal discriminação contra os negros nas despesas está na questão dos alugueis. Não pode haver qualquer dúvida razoável de que os negros pagam alugueis excessivos. [...] Não só existe discriminação geral no aluguel, como também os administradores e proprietários não costumam consentar ou melhorar de bom grado as residências dos negros. Além disso, os administradores e proprietários em muitas seções da cidade se recusam terminantemente a alugar para negros sob quaisquer condições. Ambos os tipos de discriminação são facilmente defendidos de um ponto de vista

meramente comercial; a opinião pública na cidade é tal que a presença de uma família de cor, mesmo que respeitável, em um quarteirão afetará seu valor de aluguel ou venda. O aumento do aluguel para os negros é, portanto, uma espécie de seguro, e a recusa a alugar, um artifício para ganhar dinheiro. A crueldade indefensável está naquelas classes que se recusam a reconhecer o direito de cidadãos negros respeitáveis a terem casas respeitáveis. Os corretores imobiliários também aumentam o preconceito ao se recusarem a distinguir entre diferentes classes de negros. Uma família negra tranquila muda-se para uma rua. O agente não encontra grande objeção e permite que a próxima casa vazia vá para qualquer negro que se candidatar. Essa família pode desonrar e escandalizar a vizinhança e dificultar que famílias decentes encontrem um lar.¹⁴

Nos últimos 15 anos, entretanto, a opinião pública mudou tanto nesse assunto que podemos esperar muito no futuro. Hoje a população negra está mais espalhada pela cidade do que nunca. Ao mesmo tempo, continua a ser verdade que, em geral, eles devem ocupar as piores casas dos bairros onde vivem. O avanço feito foi uma batalha para a melhor classe de negros. Um ex-ministro do Haiti mudou-se para a parte noroeste da cidade e seus vizinhos brancos o insultaram, bloquearam suas entradas para ele e tentaram de todas as maneiras fazê-lo se mudar; hoje, ele é homenageado e respeitado em todo o bairro. Ocorreram muitos casos como este; em outros, o resultado foi diferente. Um estimável jovem negro, recém-casado, mudou-se com a noiva para uma pequena rua. A vizinhança levantou-se em armas e pressionou o inquilino e o proprietário tão implacavelmente que o proprietário alugou a casa, mas obrigou o jovem casal a se mudar dentro de um mês. Um dos bispos da Igreja A. M. E. [African Methodist Episcopal] mudou-se recentemente para a residência episcopal recém-adquirida na avenida Belmont, e seus vizinhos bloquearam as varandas contra sua visão.

5) A principal discriminação contra as crianças negras encontra-se na questão dos estabelecimentos educacionais. O preconceito aqui funciona

¹⁴ Sem dúvida, certas classes de negros atraem para si críticas muito merecidas pelo pagamento irregular ou inadimplência do aluguel, e pelo mau cuidado que tomam com a propriedade. Elas não devem, entretanto, ser confundidas com as melhores classes, que dão bons clientes; este é, novamente, espaço para uma diferenciação cuidadosa.

para que as crianças negras frequentemente certas escolas para as quais a maioria das crianças negras vai, ou para mantê-las fora de escolas particulares e superiores. [...] Nas transferências de escola, os negros têm dificuldade em obter arranjos convenientes; apenas há relativamente poucos anos os negros foram autorizados a concluir o curso nas escolas secundárias e normais sem dificuldade. Antes disso, a Universidade da Pensilvânia não permitia que negros se sentassem no auditório e ouvissem palestras, muito menos que ali estudassem. Há dois ou três anos, um estudante negro teve de lutar para ingressar em uma faculdade de odontologia da cidade e foi tratado com toda a indignidade. Várias vezes negros foram convidados a deixar as escolas de estenografia etc., por causa de seus colegas estudantes. Em 1893, uma mulher de cor inscreveu-se para admissão no Temple College, uma instituição religiosa, e foi recusada e aconselhada a ir para outro lugar. A faculdade então ofereceu bolsas de estudo para igrejas, mas não admitia candidatos de igrejas formadas por membros de cor. Dois anos depois, a mesma mulher se candidatou novamente. O corpo docente declarou que não tinha objeções, mas que os alunos teriam; ela persistiu e finalmente foi admitida com evidente relutância. Nem é preciso dizer que a maioria das escolas particulares, escolas de música etc. não admite negros e, em alguns casos, insultou os candidatos.

★

Essa é a forma tangível de preconceito contra os negros na Filadélfia. Possivelmente, pode-se comprovar que alguns dos casos particulares citados tiveram circunstâncias atenuantes desconhecidas para o investigador; ao mesmo tempo, muitos não citados estariam no mesmo caso. De qualquer forma, ninguém que estudou diligentemente a situação do negro na cidade pode duvidar por muito tempo que suas oportunidades são limitadas, e sua ambição circunscrita ao que foi mostrado. Há, claro, inúmeras exceções, mas a massa dos negros teve tantas oportunidades recusadas e esforços desencorajados para melhorar sua condição que muitos dizem, como um deles: "Eu nunca me candidato — eu sei que é inútil." Ao lado dessas formas tangíveis e mensuráveis, há resultados mais profundos e menos facilmente

descritíveis da atitude da população branca em relação aos negros: certa manifestação de uma aversão real ou presumida, um espírito de ridículo ou de paternalismo, um ódio vingativo em alguns, indiferença absoluta em outros. Tudo isso, é evidente, não faz muita diferença para a massa da raça, mas fere profundamente as melhores classes, as mesmas classes que estão alcançando aquilo que desejamos que a massa alcance. Apesar de tudo isso, a maioria dos negros esperaria pacientemente o efeito do tempo e do bom senso sobre o preconceito, se hoje ele não os tocasse em questões de vida ou morte; se não ameaçassem seus lares, sua comida, seus filhos, suas esperanças. E o resultado disso está fadado a ser o aumento da criminalidade, da ineficiência e da amargura.

Seria inútil, por certo, afirmar que a maior parte dos crimes dos negros foi causada por preconceitos; as violentas mudanças econômicas e sociais que os últimos 50 anos trouxeram para o negro americano e a triste história social que precedeu essas mudanças, tudo contribuiu para desestabilizar a moral e perverter os talentos. No entanto, é certo que o preconceito contra os negros em cidades como a Filadélfia tem sido um grande fator a ajudar e instigar todas as outras causas que impellem uma raça semidesenvolvida à imprudência e ao excesso. Uma grande quantidade de crimes pode ser atribuída, sem dúvida, à discriminação contra meninos e meninas negros em matéria de emprego. Ou, dito de outra forma, o preconceito do negro custa algo à cidade.

A conexão entre crime e preconceito, por outro lado, não é simples nem direta. O menino a quem é recusada a promoção no cargo de carregador não sai e rouba a carteira de alguém. Por outro lado, os preguiçosos das ruas 12^a e Kater e os bandidos da prisão do condado geralmente não são graduados do ensino médio a quem foi recusado trabalho. As conexões são muito mais sutis e perigosas; é uma atmosfera de rebelião e descontentamento que o mérito não recompensado e a ambição razoável, mas insatisfeita, criam. O ambiente social de desculpas, desespero apático, indulgência descuidada e falta de inspiração para trabalhar são a força crescente que transforma meninos e meninas negros em apostadores de jogos de azar, prostitutas e malandros. Esse ambiente social foi construído lentamente a partir das decepções de homens mercedores e da preguiça dos não despertos. Por quanto tempo uma cidade pode dizer a uma parte de seus cidadãos: "É inútil

trabalhar; é infrutífero merecer o bem dos homens; a educação não lhe trará senão decepção e humilhação?" Por quanto tempo uma cidade pode ensinar a seus filhos negros que o caminho para o sucesso é ter um rosto branco? Por quanto tempo uma cidade pode fazer isso e escapar da inevitável punição?

Por mais de 30 anos, a Filadélfia tem dito a seus filhos negros: "Honestidade, eficiência e talento têm pouco a ver com o seu sucesso; se você trabalhar duro, gastar pouco e for bom, pode ganhar seu pão de cada dia nesses tipos de trabalho que confessamos francamente que desprezamos; se você for desonesto e preguiçoso, o Estado fornecerá o seu pão de graça." Assim, a classe de negros que os preconceitos da cidade distintamente estimulam é a dos criminosos, dos preguiçosos e dos indolentes; para eles, a cidade está repleta de instituições e associações de caridade; para eles, existe socorro e simpatia; para eles, os filadelfienses estão pensando e planejando; mas para o jovem de cor educado e diligente que quer trabalho, e não banalidades, que quer salários, e não esmolas, que apenas quer recompensas, e não sermões — para esses homens de cor, a Filadélfia aparentemente não serve.

O que então esses homens fazem? O que acontece com os graduados das muitas escolas da cidade? A resposta é simples: a maioria dos que valem alguma coisa deixa a cidade, os outros aceitam o que podem para seu sustento. [...].

*

Já é mais do que hora de a melhor consciência da Filadélfia despertar para seu dever. Seus cidadãos negros estão aqui para ficar; eles podem ser bons cidadãos ou um fardo para a comunidade. Se quisermos que eles sejam fontes de riqueza e poder, e não de pobreza e fraqueza, eles devem receber empregos de acordo com sua capacidade e ser encorajados a treinar essa habilidade e a aumentar seus talentos na esperança de uma recompensa razoável. Educar meninos e meninas e depois recusar-lhes trabalho é treinar preguiçosos e malandros.

De outro ponto de vista, pode-se fortemente argumentar que a causa do estresse econômico, e consequentemente do crime, foi a recente e imprudente corrida de negros para as cidades; e que os resultados desagradáveis dessa

migração, embora deploráveis, servirão, no entanto, para conter o movimento dos negros para as cidades e mantê-los no campo, onde suas chances de desenvolvimento econômico seriam maiores. Esse argumento, contudo, perde muito de sua força pelo fato de que é a melhor classe de negros educados nascidos na Filadélfia que tem a maior dificuldade em obter emprego. O novo imigrante recém-chegado do Sul está muito mais apto a obter um trabalho adequado para ele do que o menino negro aqui nascido e treinado para o trabalho. No entanto, sem dúvida é verdade que a migração recente aumentou direta e indiretamente o crime e a concorrência. Como esse movimento deve ser verificado? Muito pode ser feito corrigindo representações errôneas quanto às oportunidades da vida na cidade, criadas pela propaganda de agências de empregos e de pessoas descuidadas; uma vigilância mais estrita dos criminosos pode evitar o influxo de elementos indesejáveis. Esses esforços, no entanto, não afetariam a corrente principal da imigração. Atrás dessa corrente está o desejo mundial de subir no mundo, de escapar da estreiteza sufocante das fazendas e da repressão sem lei das pequenas cidades, no Sul. É uma busca por melhores oportunidades de vida e, como tal, deve ser desencorajada e reprimida com grande cuidado e delicadeza, se for o caso.

O verdadeiro movimento de reforma é a elevação dos padrões econômicos e o aumento das oportunidades econômicas no Sul. A mera existência de terras e bom clima, porém sem lei e ordem, sem capital e habilidade, não desenvolverão um país. Quando os negros no Sul tiverem uma oportunidade maior de trabalhar, de acumular propriedades, de terem seus corpos e vidas protegidos, e de encorajar o orgulho e o respeito próprio em seus filhos, haverá uma diminuição no fluxo de imigrantes para as cidades do Norte. Ao mesmo tempo, se essas cidades praticarem a exclusão econômica contra esses imigrantes a tal ponto que eles sejam forçados a se tornarem indigentes, vagabundos e criminosos, eles dificilmente poderão reclamar das condições no Sul. As cidades do Norte não deveriam, é claro, buscar encorajar e atrair uma mão de obra de baixa qualidade, com baixos padrões de vida e moral. Os padrões de salários e respeitabilidade devem ser mantidos; mas quando um homem atinge esses padrões de habilidade, eficiência e decência, nenhuma questão de cor deveria, em uma comunidade civilizada, impedi-lo de ter a mesma chance de ganhar a vida com seus pares.

5

Marianne Weber, muito além da mulher de Max



Marianne Schnitger, nascida na Alemanha em 1870, casou-se em 1893 com seu primo de segundo grau, o sociólogo Max Weber (1864-1920).¹ Marianne é lembrada quase que exclusivamente pelo fato de ter sido esposa de um dos “pais fundadores” da sociologia e de ter, após a morte de Max, organizado, editado e publicado em livro vários de seus textos fundamentais, até então inéditos ou acessíveis apenas em revistas acadêmicas, como *Economia e sociedade* e os vários volumes sobre sociologia da religião. Além disso, ela escreveu uma monumental biografia de Weber, publicada em 1926.² Sem a enorme dedicação que Marianne deu ao legado de seu marido, talvez a obra de Max

¹ As fontes principais para as informações biográficas de Marianne Weber foram: o texto introdutório de Guenther Roth, “Marianne Weber and her Circle”. In: Marianne Weber, *Max Weber: A Biography* (Londres/Nova York: Routledge, 2017, pp. xv-xi); e o capítulo a ela dedicado no livro de Patricia Madoo Lengermann e Gillian Niebrugge, *The Women Founders: Sociology and Social Theory, 1830-1930* (Long Grove, IL: Waveland Press, 2007, pp. 193-228).

² Há uma edição brasileira: *Weber: uma biografia* (Niterói: Casa Jorge, 2003).